

Memórias da arena

Vereador paulistano de 1956 a 1969, **Agenor Monaco** conserva intactas as lembranças das batalhas vividas na política

Sândor Vasconcelos | sandor@camara.sp.gov.br

“Se o saldo bancário e a ambição pessoal acompanharem o homem público, infelicitam o País”. Essa premissa básica, algumas vezes esquecida por alguns políticos, embasou os mandatos de Agenor Palmorino Monaco em seus 13 anos como vereador de São Paulo. Ouvir as histórias do ex-parlamentar, que aos 86 anos preserva uma memória privilegiada, é uma aula sobre a política na capital nas décadas de 50 e 60. Entre as muitas reveladas, há a do dia em que Monaco foi, por engano, alvo de uma tentativa de suborno e a de quando negou um pedido feito pessoalmente por Jânio Quadros.

Eleito vereador pela primeira vez em 1955, aos 28 anos, pelo Partido Social Trabalhista (PST) com 2.801 votos, Agenor Monaco reelegeu-se por mais duas vezes, em 1959 (4.380 votos) e em 1963 (3.843 votos). As duas reeleições disputou pelo PST, mas em 1966 filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena), ano em que disputou o cargo de deputado estadual e ficou na suplência. Em 1968 perdeu a eleição para vereador, fato que só seria lamentado “caso não fosse substituído por um homem de sua têmpera”. “Ficaria

chorando de tristeza que meu lugar fosse ocupado por um malandro”, disse Monaco. Em 1986, tentou pela última vez eleger-se deputado estadual, pelo Partido Liberal (PL), mas não conseguiu.

O ingresso na vida pública foi graças ao irmão Bernini Monaco, que tinha formação integralista e chegou a ser preso pela polícia especial de Getúlio Vargas. “Ele me inculou o germe da política”, revela Monaco, que confessa: “Mas eu senti que ele se arrependeu. Vinha à Câmara e ouvia os mais desbaratados impropérios contra mim”.

Os xingamentos, segundo o ex-vereador, deviam-se à postura combativa adotada em relação aos colegas. A pouca quantidade (de acordo com ele mesmo) de projetos de lei apresentados durante sua trajetória, 103 no total, deveu-se à preocupação de sempre se posicionar sobre iniciativas dos colegas. “Nada passava em branco, sem minha manifestação”, explica.

Uma das brigas compradas foi com relação às sessões extraordinárias aos sábados: “Tratávamos de meia dúzia de nomes de ruas, por não mais que uma hora, sem interesse público nenhum, só para aumentar a re-



PERSONALIDADE
Monaco posicionava-se
sobre todos os assuntos:
“Não fui um delator, fui
um constatador”

muneração dos vereadores”, lembra Monaco. Tais sessões rendiam subsídio extra aos parlamentares. Os chamados jetons eram, na época, alvo de matérias jornalísticas. Em 13 de março de 1963, o *Estado de S. Paulo* publicou texto afirmando que a prática fora considerada ilegal pela Justiça.

Outro episódio marcante foi quando Jânio Quadros, político já influente na época (havia sido prefeito e vereador em São Paulo), procurou Agenor para convencê-lo a votar no seu candidato à presidência da Câmara. Quadros apresentou suas razões e a resposta foi muito simples: “O candidato para o qual o senhor está pedindo meu voto, o céu não aceita. O adversário dele, o inferno rejeita. Por isso votarei em branco”. Resignado, Jânio encerrou o assunto: “É muito difícil conversar com um homem de bem”.

O posicionamento combativo de Agenor rendeu-lhe notícias em jornal. O *Estadão* de 22 de outubro de 1961 trouxe a reportagem *Apenas um Vereador Condenou Ontem as Propinas à Imprensa*, afirmando que somente Monaco havia criticado projeto de lei proposto pelas Comissões para que a Câmara pagasse aos jornalistas de impresso, rádio e TV que cobriam os trabalhos do Legislativo. O vereador definia o projeto como “ilegal, lesivo e nascido de interesses escusos”. Com a pressão de Monaco, do Sindicato dos Jornalistas, de outras entidades da área e de alguns veículos de imprensa, a proposta não foi aprovada.

FIDEL DA MOOCA

Agenor Palmorino Monaco nasceu em 23 de fevereiro de 1927, na pequena Rua Dr. Freire, no bairro paulistano da Mooca. Filho de



Agenor pessoal



FAMÍLIA

Da esquerda para direita, os irmãos Gerindo, Maria José, Walter (no colo), Egeu, Bernini e Adriano, com os pais Angelica e Palmorino, em foto de 1924. Ao lado, Agenor

CASAL

Agenor e Maria Antonia passaram a lua-de-mel em Foz do Iguaçu, no ano de 1958



Agenor pessoal



FORMATURA

Em 1951, Agenor discursa no Theatro Municipal de São Paulo na formatura de técnico contábil

MENTOR

Agenor (à direita) e o irmão Bernini: “Ele me inoculou o germe da política”



Palmorino Monaco e Angelica Napoleoni, é o caçula dos sete filhos da família, de origem italiana.

Os primeiros anos escolares foram completados no bairro vizinho do Brás. Depois, fez o curso técnico de Contabilidade na Escola 30 de Outubro. O diploma de bacharel em Direito foi conquistado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na Universidade de São Paulo (USP). Formou-se na turma 123, em 1954, ano do 4º centenário da cidade de São Paulo. Nos tempos da faculdade, a espessa barba rendeu a Monaco o apelido de Fidel, alusão ao líder cubano Fidel Castro.

Na USP, Agenor foi aluno do jurista Miguel Reale, para quem o ex-aluno era “uma vocação inata para a filosofia”. Um dos maiores orgulhos na vida foi ter justamente fechado com média dez a matéria dada por Reale, Filosofia do Direito, façanha que “teve mais importância do que o diploma”, segundo Monaco. A admiração pelo antigo professor era tanta que Agenor fez questão de discursar na missa de sétimo dia de Reale, em 2006.

Após um namoro de 12 anos, Monaco casou-se em São Paulo, no dia 17 de julho de 1958, com Maria Antonia Zaza Daulizio Monaco, na Igreja Imaculada Conceição, na Bela Vista. Um dos convidados presenteou o casal com uma saraivada de bombas em frente à igreja, o que, segundo Agenor, fez com que os santos pulassem: “O vereador que fazia barulho no Plenário não poderia ter um casamento calmo”, brinca. A união gerou os filhos Agenor Jr., Maria Inez e José Eduardo. Em 2002, Maria Antonia faleceu.

Embora tenha sido eleito apenas em 1955, Agenor ingressou antes na Câmara Municipal de São Paulo

(CMSP), como oficial de gabinete do então vereador Anselmo Farabulini Júnior. Certa vez, foi com o chefe a uma indústria do Brás fazer campanha política e ambos foram levados ao Departamento de Ordem Política e Social (Dops). Agenor apresentou os documentos, que foram retidos pelo delegado. Um grupo de vereadores foi apoiar Farabulini, mas nem se importou com o funcionário. “Eu já estava separado para ir preso”, conta Agenor, “mas o Farabulini disse que só sairia dali comigo junto”, lembra, aliviado.

À MODA ANTIGA

Agenor conta que as campanhas eleitorais eram feitas à base de distribuição de cédulas com o nome do candidato já preenchido. Precisavam apenas ser completadas com as informações do eleitor e depositadas na urna. Além disso, o convencimento pessoal, no corpo a corpo, era importante. A primeira candidatura contou com o apoio de Farabulini Júnior, segundo Monaco um mestre da política.

No dia da apuração, Agenor recebeu uma ligação às 3 horas da manhã, do amigo Álvaro Cardoso de Moura Júnior: “Agenor, parabéns!”. Sonolento e assustado, Monaco perguntou o motivo do cumprimento e escutou: “Você foi eleito! Não me diga que estava dormindo”. A contrapartida do novo vereador foi ferina: “É claro que estava, agora não durmo mais! Meu Deus, fui eleito vereador. Que foi que eu fiz?”. O fato é lembrado às gargalhadas.

Na época, a sede do Legislativo paulistano ficava no edifício conhecido como Palacete Prates, na Rua Líbero Badaró, no Centro, uma joia arquitetônica que, se dependesse da vontade de Agenor, teria sido tomba-



Marcelo Almeida/CFP

“Fui um bom aluno do povo”

Apartes: Qual político admirava na época de vereador?

Agenor Monaco: Prestes Maia (Francisco Prestes Maia, ex-prefeito de São Paulo). Ele é o precursor da moralidade democrática. Ninguém governa o Executivo com independência total, como fez Prestes Maia. Ele era, antes de tudo, um técnico; não arrasava politicamente ninguém e construía uma cidade. Conseguiu reforço de verbas federais para São Paulo, aproveitadas pelos seus sucessores.

O que mais o marcou na época como parlamentar?

Está distribuído em todos os dias. Fui um bom aluno do povo, mas o povo reprovou o bom aluno. Fui substituído.

E do que mais se orgulha?

A memória daqueles que me conheceram. Nos meus últimos dias de Câmara, um conhecido veio até mim e, chorando, disse: “Essa Casa não o merece. Em sua homenagem, essa é a última vez que entro aqui”. E me fez chorar. Uma vez o Caio Pompeu

INDEPENDENTE
Monaco define-se como “líder de si mesmo”

de Toledo também me procurou para dizer de sua tristeza de não poder ter-me como colega, ele que havia acabado de se eleger vereador. Servir o povo, sem se servir do povo, é uma riqueza que a gente leva pelos poucos dias de uma existência tão curta.

Se fosse vereador hoje, qual projeto proporia?

Sempre pensei que a cidade deveria ter um ordenamento de crescimento, previsto e organizado. O colosso sem limites de altura e de apartamentos de cada prédio construído desgraçou a cidade. Não precisa ser urbanista para notar. O índice de aproveitamento está estourado. Hoje é preciso um farol na saída de cada prédio. Meu projeto seria nessa área.

Além de tantas situações pesadas, houve algum fato curioso ou engraçado?

O Rubens do Amaral (ex-vereador Estanislau Rubens do Amaral) não dava um aparte, porque os discursos dele eram lidos com rapidez. Quando alguém pedia, ele dizia “agora não, que estou embalado”. Uma vez fui chamado

por uma funcionária, a Joaquinha, porque tinha acontecido um fato grave na sala do PST. Subi e ela havia sido furtada, o salário todo. Revistaram todo mundo dentro do gabinete. Mas o autor (de acordo com a desconfiança da vítima) havia saído, era um vereador cleptomaniaco. Outro vereador já havia falado para ele: “Você já levou a caneta, fique com a tampa”. Olha a podridão do Plenário...

Apanhava muito da imprensa?

Uma vez o jornal *A Gazeta* publicou uma notícia que para mim era uma punhalada pelas costas, por ser mentira, e pela frente, porque era uma prova de que alguém não aceitava minha linha séria. Eu defendia a seleção por concurso público, e não o nepotismo. O jornal publicou que eu criticava as nomeações sem concurso, mas recomendava (para cargos) os meus protegidos. Não falaram quem eram os protegidos. Fui ao diretor da *Gazeta* e disse: “Esse jornal jamais vai emporcalhar a mesa da minha casa”. E saiu o desmentido.



Arquivo CDSF

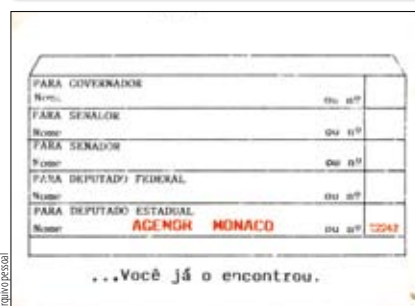
DESPEDIDA
Plenário do Palacete Prates em 1969,
último ano de Agenor como parlamentar

da. Não havia gabinetes para os vereadores, apenas as salas de partidos. O PST de Monaco tinha uma sala embaixo da escada e somente um funcionário. Carro oficial apenas para membros da Mesa. “A Câmara tinha cadeiras especiais reservadas aos que portavam gravata”, lembra. “Eu sempre olhei para os desgravatados”, brinca o ex-vereador.

Como parlamentar, Agenor Monaco foi um dos responsáveis por tornar possível a finalização da obra do Palácio Anchieta, atual sede da Câmara paulistana. De 1966 a 1969, ano de inauguração do Palácio, o vereador lutou, como membro ou presidente da Comissão de Urbanismo, Obras e Serviços Públicos da Câmara, pela aprovação das verbas destinadas aos ajustes finais da nova sede.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

PUBLICITÁRIO
Idealizado pelo próprio Monaco,
o santinho de campanha de 1986
presenteava os eleitores com
botões de verdade

Durante os mandatos, participou da Mesa Diretora como segundo-secretário e de comissões relacionadas a servidor público, indústria e comércio, urbanismo, obras e serviços públicos. Um de seus projetos de 1960, inimaginável para a concretizada São Paulo atual, pretendia isentar de tributos os imóveis com mais de dois hectares localizados além de 10 km da Praça da Sé e utilizados na exploração agropecuária.

Além de ter participado da história política paulistana, o ex-parlamentar foi testemunha da retirada dos bondes e um dos primeiros passageiros da grande novidade em termos de transporte, o metrô. “Nas primeiras viagens, fui passageiro com somente mais uma pessoa no trem”, conta. “Acho que a turma ainda estava com medo de morrer que nem tatu embaixo da toca”, diverte-se. “Hoje não cabe mais ninguém!”.

Das muitas histórias narradas com fala impecável e olhar vivo, uma das mais divertidas e ao mesmo tempo trágicas foi a do homem que tentou suborná-lo, por engano. Após ouvir a “proposta”, avisou ao cidadão que ali com eles estava um guarda-civil, testemunha do crime. Após um verdadeiro drama do “criminoso”, Agenor concluiu que ele era só o “carregador da mala”, mas não perdeu a oportunidade de passar um sermão: “Em nome da sua família e da sua própria dignidade, não se preze a isso. Lamento seu engano e sua provável demissão, por erro de endereço e de pessoa”.

ADEUS À VIDA PÚBLICA

A frustrada tentativa de permanecer vereador, em 1968, impediu Agenor de atuar na sede que ajudou a tornar realidade, pois o Palácio Anchieta foi inaugurado apenas



Marcelo Almeida/CPDF

FINALIZADO
Ao fundo, o Plenário do Palácio Anchieta, que o ex-vereador ajudou a tornar realidade



Equipe de Comunicação/CPDF

ORGULHO
A dedicatória feita por Loyola Brandão, um dos troféus de Agenor

BIOGRAFIA

O ex-vereador recebeu de presente um livro em branco, para escrever sua própria trajetória



Amílcar Passos

em setembro de 1969. “O bom-bocado não é para quem faz, é para quem come”, brinca ele. Fez, também, com que o bacharel em Direito voltasse a atuar como advogado, ocupação que mantém até hoje: é ele quem acompanha pessoalmente os processos e visita os fóruns. Porém, não aceita novos clientes.

Ao se despedir da política para nunca mais voltar, Agenor Monaco guardou as feridas de um período combativo. “Se não tivesse um coração de ferro, não teria sobrevivido”, diz, ao se referir às disputas políticas na época de vereador. Ficaram, também, as recordações da parte triste da atuação parlamentar: “Conheço alguns nomes que estão nas placas de rua que, se estas tivessem alma, ficariam ruborizadas de vergonha”, lamenta. “Conhecer por dentro a podridão dos plenários, dos gabinetes fechados, das negociatas e das escolhas nos jantares é muita infelicidade”.

A conduta rendeu-lhe, ainda, desconfiança. Em certa oportunidade,

Agenor foi chamado ao Serviço Nacional de Informação (SNI), na Av. D. Pedro I, para prestar esclarecimento sobre seu patrimônio à Operação de Fiscalização das Declarações de Renda. “Poxa vida, não tenho nem o direito de ser pobre?”, indagou a um funcionário do órgão. A resposta veio direta: “Em oito anos como vereador e você só tem isso?”.

O saldo final, no entanto, foi o moral, que é o que valia de verdade para Monaco. E esse resultado rendeu admiração ao aposentado político. Em um dos lançamentos de livro do ex-repórter do jornal *Última Hora* e escritor premiado Ignácio de Loyola Brandão, Monaco recebeu uma dedicatória que guarda como troféu: “Agenor Monaco, adorei te rever. Te admirava tanto. Sêrio. Íntegro. Viva!”.



* A **Apartes** agradece ao Centro de Memória Eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo por ceder vídeo com material sobre o ex-vereador Agenor Monaco.